



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

João Fernandes

POR TRÁS DO PICADEIRO, UMA MÁSCARA
POR TRÁS DA MÁSCARA, UM PALHAÇO

JOÃO PESSOA – PB

2019

João Fernandes

**POR TRÁS DO PICADEIRO, UMA MÁSCARA
POR TRÁS DA MÁSCARA, UM PALHAÇO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Teatro.

Orientador: Prof. Me. José Everaldo Vasconcelos.

JOÃO PESSOA – PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244p Nascimento, Joao Fernandes do.

Por trás do picadeiro, uma máscara Por trás da máscara,
um Palhaço / Joao Fernandes do Nascimento. - João
Pessoa, 2019.

052 f. : il.

Orientação: Everaldo Vasconcelos,

Coorientação: Ricardo Canella.

Monografia (Graduação) - UFPB/Campus 1.

1. Palhaços, Bastidores. 2. Narrativa Autobiográfica.
I. Vasconcelos, Everaldo. II. . III. Canella, Ricardo.
IV. Título.

UFPB/CCTA

JOÃO FERNANDES DO NASCIMENTO

**POR TRÁS DO PICADEIRO, UMA MÁSCARA
POR TRÁS DA MÁSCARA, UM PALHAÇO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Teatro, Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Teatro.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Everaldo Vasconcelos
(orientador)
DAC/UEPB

Prof. Dr. José Tonezzi
(Membro da Banca)
DAC/UEPB



Prof. Me. Elias de Lima Lopes
(Membro da Banca)
DAC/UEPB

Prof. Dr. Ricardo Canella
(Membro da Banca)
DAC/UEPB

João Pessoa, 03 de Outubro de 2019.

*"Não sei se sou um palhaço ator-mentado
ou um palhaço ator-doado."*



Cheiroso na feirinha de Curitiba - 2008

Dedico todo esforço da elaboração desse trabalho a minha mãe, D. Dulce, (in memoriam), que não pôde vivenciar esse momento, mas que foi e sempre será fonte inspiradora na minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração, que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presente.

Ao meu orientador Prof.º Ms. Everaldo Vasconcelos, pela confiança, dedicação, paciência, correções e incentivos para comigo.

Ao meu pai, Nascimento e minha Boadastra Maria, exemplos vivos de carinho, superação, honradez e honestidade.

Aos irmãos, Zé Mario, Fátima, Ana, Sérgio, Pedro, Robson, Janaína, Adriana. Obrigado por vocês existirem.

A minha esposa, Regina, pelo Carinho, paciência, compreensão e incentivo durante todo esse tempo que estamos juntos.

Aos meus filhos e netos, Raquelli, Felipe, Alice e Bento, vocês são personagens centrais da minha história.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram e fazem parte da minha história, o meu muito obrigado!

“O sucesso é ir de fracasso em fracasso sem perder o entusiasmo”.

Winston Churchill

RESUMO

Peço desculpas pela minha pretensão, como parte envolvida nesse trabalho, de achar que essa narrativa autobiográfica possa servir de farol para alguém que busca o caminho que o levará a um porto seguro qualquer. Não tenho a pretensão de concluir ou afirmar uma verdade, sem entrar no mérito de ser comprovado ou não, apenas quero me dar ao direito de compartilhar o que se passa na alma do palhaço e eu como palhaço que sou me sinto com autoridade para tratar do tema, o palhaço por dentro, seu interior, sua alma, sua vida quando você não está com a máscara do palhaço. Não me sigam, estou perdido, mas sempre num caminhar que no palco da vida representa o picadeiro de um circo. Entre quedas, tropeços, risadas e choros, a minha vida se confunde com a do palhaço. É essa história que vou tentar contar e reproduzir, a história de vida do palhaço Cheiroso, isso mesmo palhaço Cheiroso com “c” maiúsculo e com “h” no meio, não é Cheiroso com “x”, não é xero é cheiro! A diferença? É que o cheiro é mais amoroso, poético, aconchegante. Confesso a dificuldade de saber quem é o narrador, se eu ou Cheiroso, então tentarei fazer essa narrativa um bate papo entre o João e o Cheiroso, de forma que os leitores saberão quem está narrando naquele momento. Acredito que o que teremos no final será o João sendo analisado por Cheiroso e Cheiroso sendo analisado por João de uma forma íntima, honesta, leal (um vai saber quando o outro estiver mentindo). Busco de forma simples pesquisar a tristeza do palhaço, o perdedor. Existe tristeza na figura do palhaço? O palhaço pode estar alegre quando está triste? O palhaço nunca chora de tristeza? Quais as verdades que podemos tirar das palavras de um palhaço? É esse lado que tento entender, meus conflitos e negações, que passei até hoje e sempre acompanhado desse palhaço.

Palavras-chave: Palhaço. Bastidores. Narrativa autobiográfica.

ABSTRACT

I apologize for my claim, as part of this work, to think that this autobiographical narrative can be a beacon for someone seeking the path that will lead him to any safe harbor. I do not pretend to conclude or affirm a truth, without going into the merit of being proven or not, I just want to give myself the right to share what goes on in the soul of the clown and I as a clown I feel authoritative to deal with fear the clown inside, your insides, your soul, your life when you're not wearing the clown mask. Do not follow me, I am lost, but always in a walk that on the stage of life represents the ring of a circus. Between falls, stumbling, laughter and crying, my life is confused with that of the clown. It is this story that I will try to tell and reproduce, the life story of the clown Cheiroso, that same clown Cheiroso with capital "c" and with "h" in the middle, is not Cheiroso with "x", is not xero is smell! The difference? Is that the smell is more loving, poetic, cozy. I confess the difficulty of knowing who the narrator is, if I or Cheiroso, then I will try to make this narrative a chat between John and Cheiroso, so that readers will know who is narrating at that moment. I believe what we will have at the end will be John being analyzed by Cheiroso and Cheiroso being analyzed by John in an intimate, honest, loyal way (one will know when the other is lying). I simply search the sadness of the clown, the loser. Is there sadness in the clown figure? Can the clown be happy when he is sad? Does the clown never cry with sadness? What truths can we get from the words of a clown? It is this side that I try to understand, my conflicts and denials, that I went through today and always accompanied by this clown.

Keywords: Clown. Backstage. Self narrative biographical.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
PARTE I – HISTÓRIA DE UM PALHAÇO	14
1.1 Um canhoto na família	14
1.2 Secos e Molhados	16
1.3 Encontro com um palhaço de rua	19
1.4 O Festival de Palhaços	19
1.5 O primeiro nome	21
1.6 A triste partida	23
1.7 Uma feira para Cheiroso	26
1.8 A volta para Cabedelo	30
PARTE II – NOVE PASSOS PARA A CRIAÇÃO DO SOLO PERFORMANCE: A PAIXÃO DO PALHAÇO	31
Passo 1: Objetivos	31
Passo 2: Concepção	33
Passo 3: Coreografia e expressão corporal	35
Passo 4: Voz	36
Passo 5: Presença sonora	36
Passo 6: O público	36
Passo 7: O figurino, cenário e adereços	37
Passo 8: Luz essencial	37
Passo 9: Os ensaios	37
CONCLUSÕES	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXO	47

INTRODUÇÃO

A vida por trás da máscara do palhaço, a palavra sincera por trás da brincadeira. Sim, porque para muitos, para ter valor e ser levado “a sério” tem que ser com seriedade. E o que se esconde por trás ou dentro da alma de palhaço?

Procuro analisar suas vidas fora do picadeiro/palco, sempre fazendo um paralelo em busca de entender os meus conflitos e inquietações na figura do palhaço Cheiroso. Tento encontrar o triste, as mazelas de suas vidas.

O interesse por esse tema veio da observância que desde muito cedo fazia sobre filmes e seriados que assistia na TV. Sempre me interessei pelo lado triste do palhaço, sua miserabilidade, sua sofrência. Não me recordo de tudo, mas o pouco que me lembro, o que ficou na memória é o lado fracassado do palhaço, o erro, a queda e o levantar.

Um das figuras mais marcante e emblemática que ficou na minha mente foi a figura do Chaplin, sua magreza cômica, sua cara de sério, suas quedas e levantadas, suas trapalhadas, por mais engraçadas que fosse, sempre trazia a figura da fome, do frio, da solidão, da necessidade, mas sem endurecer o coração.

Jerry Lewis, Os Três Patetas, o Gordo e o Magro, o circo já me encantava, e sempre que tinha circo na minha cidade, fazia questão de ir assistir ao espetáculo e ver os Palhaços. Durante o dia, ficava rodeando o circo para ver se descobria quem eram os palhaços.

No ano de 1977 foi exibido num canal de TV, uma novela chamada “A sombra dos Laranjais”, baseada no livro do mesmo nome e cujo autor chama-se Viriato Correia. Em uma determinada cena, o ator Ary Fontoura era um palhaço num picadeiro de um circo fazendo mil palhaçadas e de repente ele para, olha para a plateia e envolto na maior tristeza, ele começa a falar coisas movido por uma amargura sem fim, essa cena ficou fixada na minha mente de uma forma bem fragmentada, a cena era essa, um palhaço num picadeiro dizendo coisas tristes.

No fim, é bastante vivo na minha memória ele dizendo: “Eu gostaria de fazer vocês chorarem, mas não posso, porque sou um palhaço”. E cai em prantos. E eu queria ter acesso a esse texto. Em minhas pesquisas, tentei conseguir cópias para poder confirmar minhas lembranças, mas não consegui. Por fim, tive acesso ao livro com o mesmo título, mas ao lê-lo, descubro que é uma versão livre do original feita por Roberto Mara e, pesquisando mais um pouco, volto a descobrir que o texto foi feito para o teatro e que a novela foi baseada no texto.

Na leitura entendo um pouco melhor minhas lembranças. O livro conta de forma romaneada um momento de duas famílias na pequena e pacata Laranjais, lá para as bandas do norte, e essas duas famílias representavam o poder e a história dessa cidade, que, como diz o nome, tinha muitos laranjais, e a cidade se via na expectativa de chegada do seu filho mais famoso da cidade, ele que partiu há mais de trinta anos, deixando para trás um noivado com uma menina moça da outra família, e que hoje já sendo uma moça velha ainda aguarda sua chegada.

Trata-se de Pedro “o maior romancista do Brasil”, da qual a família se orgulha bastante, apesar de ter uma vida privada conturbada com relação às mulheres. Faz parte dessa família o Tomé, o irmão que envergonha a família, o que todos olham com desprezo e raiva, pois foi através dele que o nome da família ficou no chão e hoje, velho e doente, vive sendo maltratado e desprezado por todos. O seu crime foi que quando jovem, largou tudo para viver um grande amor por uma artista de um circo que estava passando pela cidade, seguiu com o circo e se tornou um grande palhaço famoso, mas que ninguém sabe que é ele.

“Tomé para eles, é o símbolo do fracasso da perda de horizontes, do ser sem ser...”. “Tomé é tudo que os irmãos ignoram: Amor, coragem, solidão, lealdade...”. É evidente que o final do livro não é igual ao da novela, mas encontrei indícios que suponho ser referência para a cena do palhaço: é quando pressionado pelo irmão famoso, se ele era o palhaço pirolito, o autor usando da sua prerrogativa de criador, entra na alma de Tomé e narra o turbilhão de conflitos que passa na sua mente.

Mas devia ele dizer a verdade? Devia responder com humildade ou orgulho? Com esse mesmo orgulho são que no íntimo sempre sentira, pelo caminho seguido... Ou, talvez, com um grito de guerra devia dizer a todos os que desejassem ouvir, alto, altíssimo, que sim, que ele era o palhaço pirolito, e que em nome de todos os palhaços por amor, exigia respeito e reconhecimento poético, ao sagrado gesto de ter ouvido a voz do coração.

Dizer a todos os que estavam a despedaçar-lhes o passado, o presente e o futuro, que ser palhaço no circo é muito milhões de vezes mais nobre que ser palhaço na vida, correndo detrás de falsos deuses de barro, inventando sentimentos que jamais existiam, apenas para iludir ilusões de coitadas à procura de amor. Que é mais doce ser palhaço de picadeiro, do que agir como palhaços de estúpidas promessas não cumpridas...

Palhaço sim... Mas palhaço honesto, com as cores da fantasia sã, ingênua, nascida no primeiro deslumbramento sob a lona do primeiro circo visitado e que fica para sempre acompanhando o homem até o momento em que esquece de ser um pouco criança.

Ele fora um palhaço por amor...! Não do amor, como Madalena... Ou como as “vítimas” de Paulinho...Tomé olhava sem ver. Ou melhor, via sem entender o que eles diziam, mesmo que imaginasse que estivessem gritando para que não falasse.

Outra coisa que carrego, comigo não sei desde quando, é um pensamento de Charles Chaplin que diz: “Se você tivesse acreditado nas minhas brincadeiras de dizer verdades, teria ouvido verdades que teimo em dizer brincando, falei muitas vezes como o palhaço, mas nunca desacreditei da seriedade da plateia que sorria”.

Na minha formação foi sempre uma meta “brincar de dizer verdades”, nunca desacreditar da seriedade da plateia. Conheci palhaços que quando perguntado por situações marcantes em sua vida de palhaço, quase sempre o acontecido tinha a ver com coisas tristes. Ouí um relato que certa vez o palhaço estava prestes a entrar no picadeiro quando recebeu a notícia da morte de sua mãe, o circo lotado, não tinha como ele não entrar, e ele entrou, e conforme seu relato, foi o melhor show da sua vida, depois chorou copiosamente a morte de sua mãe.

Assim também como ele, tive experiências onde as melhores apresentações que fiz sempre foram precedidas de situações tristes que aconteceram na minha vida. Falarei mais sobre essas experiências na parte deste trabalho dedicada ao palhaço Cheiroso.

Uma das causas do por que entrei no Curso de Bacharelado em Teatro era a possibilidade de tentar pesquisar a tristeza do palhaço, o perdedor. Existe tristeza na figura do palhaço? O palhaço pode estar alegre quando está triste? O palhaço nunca chora de tristeza? Quais as verdades que podemos tirar das palavras de um palhaço? Eram perguntas em busca de respostas, mesmo achando o tema muito complexo e subjetivo. Misturado com isso tinha a vontade de construir um monólogo e nas ideias que tinha a respeito desse monólogo, vinha sempre em mente de começar o espetáculo de João/ator e durante a encenação iria me transformando no palhaço cheiroso.

A ideia de cenário era a de um camarim, o camarim do Palhaço, mas não tinha ideia do texto, da dramaturgia, sabia e sentia que tinha que ser um texto que tivesse conexão com minhas angústias e aflições, mas muito mais ligada aos meus sentimentos. Porém, tudo ainda estava muito confuso e solto no meu pensamento. Por se tratar de um curso de Bacharelado em Teatro, nutria a vontade de no Trabalho de Conclusão de Curso tivesse uma parte prática, ou seja, a minha pesquisa sobre a tristeza do palhaço teria que além de terminar numa parte de narrativa escrita, teria que ter também um espetáculo.

Aí as coisas ficavam muito mais confusas e atrapalhadas e a minha esperança com o Curso de Teatro era que eu pudesse colocar todas essas ideias no papel e no palco. Acho

importante fazer esse relato, pois, no decorrer desta pesquisa poderão analisar como se deu na prática toda essa vivência que relato.

O curso abriu o acesso a textos e experimentos vários, mas ora eu tinha momentos mais inspiradores, ora desanimadores, e cada vez mais o tempo se findava, minhas aflições aumentavam. Talvez por vaidade, ou quem sabe, por querer ser útil, procuro pesquisar por um lado muito subjetivo da vida de palhaços e comediantes. O lado sério da alegria, a tristeza, para que possamos entender que “por trás de um palhaço alegre não só tem um homem triste, como também tem um palhaço triste”.

Por fim, que possamos sempre nos colocar na posição do palhaço, que é a nossa real posição. Busco também com esse trabalho mostrar o quanto é importante e mágico esse tipo de palhaço que nos faz pensar. Muitos palhaços nos fazem rir, fazem graça de graça, poucos nos alegra a alma, o coração, que nos alegra o sentimento, nos hipnotiza com o seu olhar, nos deixa melhor. É essa alma de palhaço que procuro.

PARTE I

HISTÓRIA DE UM PALHAÇO

1.1 Um canhoto na família

Venho de uma família de nove filhos, meu pai era funcionário público da marinha e minha mãe era professora, mas com uma veia artística muito exacerbada, gostava muito de cantar e escrever, era muito alegre e “gaiata”, sempre aparecia com uma boa anedota, acredito daí ter nascido em mim essa boa herança.

Desses nove filhos, cinco são do gênero masculino e quatro do gênero feminino, entre os homens, sou o segundo e por ordem cronológica, sou o quarto. Dentre todos, sou o único canhoto da família e este é o motivo do meu primeiro conflito. Enquanto todos tinham sua mão direita na direita, a minha mão direita era na esquerda.

Não que eu não gostasse, achava legal ser diferente, mas isso perturbou meu senso de localização e direção de tal maneira que criou em mim uma grande confusão mental e que até hoje eu tenho dificuldades em encontrar um endereço, ler um mapa, entender a voz da moça do GPS, e o que é pior, descobri que apesar de existirem outros canhotos, muitos desenvolveram habilidades com a outra mão, chegando a escrever e fazer coisas com a mesma eficiência, eu não, sou um canhoto original, tudo que tenho de fazer é com a minha esquerda, a outra serve somente de apoio e suporte.

Isso é uma característica natural da alma de um palhaço, é original, você não adquire, nasce com ela, mas na mocidade eu não tinha esse conhecimento, ainda mais quando se vivia numa cidade pequena da Paraíba, numa época onde a discriminação, o preconceito, o racismo, a intolerância com o diferente era bem maior que agora e que foi no meio desta mesma sociedade que minha personalidade de homem foi forjada, e por algum tempo tentei ser igual aos outros, mas intimamente não concordava e questionava a mim mesmo o porquê de viver achando que tudo estava errado.

Vivi e cresci diante de uma praia linda, morávamos na praia Ponta de Matos em Cabedelo, bem diante do Farol da Pedra Seca, do qual meu pai era o faroleiro. Era uma praia de veraneio, de modo que a grande maioria das casas passava o inverno fechadas e a praia ficava deserta, eu adorava o inverno na praia, me sentia o dono dela, adorava a solidão do mar.

Mas também adorava o verão, ver a praia cheia, animada, muitas pessoas diferentes eram motivos para aventuras e paixões que se findava com o fim do verão. Hoje,

fazendo uma analogia entre a praia e o circo, digo que a praia no verão é o circo com o espetáculo, alegria, casa cheia; já o circo no inverno, é o circo depois do espetáculo, o apagar das luzes, o baixar das cortinas.

Se me lembro bem, a minha primeira aparição artística se deu por conta do carnaval. Não me recordo a data, mas devia ter uns 7 anos e minha mãe me vestiu uma fantasia de mocinho de faroeste. Na época do carnaval, passava muitos filmes de mocinho e bandidos na TV, eu adorava. E um dos meus favoritos era *Durango Kid*, um mocinho mascarado defensor dos fracos e oprimidos.

Foto 2 - Carnaval em Cabedelo, ao lado minha irmã Fátima e Carlinhos um vizinho- 1970



Fonte: Acervo Pessoal.

Gostava também das comédias com Chaplin, O Gordo e o Magro, Os Três Patetas, Jerry Lewis, e também os contadores de piadas como Costinha, Ary Toledo, Juca Chaves, Chico Anysio e muitos outros.

Gostava de contar piadas e me tornei um bom contador de piadas, que os amigos sempre convidavam para animar as festas. Recordo bem do dia que estava viajando com meu pai em direção ao sul do país, fizemos parada na casa de um irmão meu, que morava no sul da Bahia. Ele nos levou para uma festa na empresa onde tinha alguns funcionários de São Paulo em visita na empresa, tinha um que era um bom contador de piadas, de sorte que ficamos até o amanhecer contando piadas, eu uma e ele outra, sem repetir.

1.2 Secos e molhados

No início dos anos 1970 surgiu no Brasil um grupo musical que fez muito sucesso com um jeito diferente de se apresentar, através de um figurino ousado e maquiagem extravagante junto com uma dança sensual, principalmente na figura do vocalista Ney Matogrosso.

Fiquei fascinado pela banda, a sua ousadia e descaramento refletidos nos figurinos e maquiagem carregadas. Me encantava e não sei por que, nem de quem foi a ideia, junto com três amigos formamos um cover dos Secos e Molhados só de brincadeira, onde eu fazia o cantor. E também não sei como, surgiu a oportunidade de se apresentar na cidade por ocasião do dia das mães, a festa era no clube da cidade promovido pela paróquia local, a apresentação foi um sucesso, caprichamos nos figurinos e maquiagem dentro das nossas condições de criação e improvisos, de modo que a apresentação dividiu a cidade, o “grupo do contra” e outro “grupo a favor” provocados pelo jeito irreverente que fizemos questão de reproduzir no palco.

Fui pra casa movido por uma sensação de sucesso e satisfação, sentimentos que se findaram depois da sova que levei do meu pai que soube e não gostou nem um pouco do meu sucesso. Fui dormir de couro quente depois de um banho que ajudou a resfriar minha sanha artística.

Hoje, rememorando esses fatos, acredito que o que me fascinou foram as figuras dos palhaços que eu via no palco onde eles ridicularizavam de um modo escrachado o modo de viver de uma sociedade hipócrita.

Tive uma outra aparição artística que foi num concurso em praça pública realizado por um vendedor de bugigangas que para alavancar as vendas, resolve premiar a quem queira apresentar seus dotes artísticos, seja em forma de poesia, canto ou dança. E eu resolvi cantar, não me recordo da concorrência, mas sei que fui aclamado pelo público e premiado com um pacote de bolacha recheada.

Particpei também no colégio do ensino fundamental de um projeto musical, onde fui integrante da bandinha rítmica e, graças a essa participação, adquiri ritmo e cadência musical. Se bem me lembro, eu tocava bumbo. Mas eu gostava mesmo era do uniforme, um macacão amarelo que tinha uma clave de sol desenhado no peito.

Na juventude, por ocasião do São João e por intermédio da quadrilhajunina, sempre participava do Casamento Matuto de forma cômica e dramatizada. Não sei como nem porque, fui assistir uma peça de teatro de um grupo local, tinha o título de “Cemitério de Jurema” de Altimar Pimentel, do qual ele era o diretor. Terminei indo todo dia e ficava “piruando” (andando por ali, de um lado para o outro).

De tanto ir e querer participar, acabei nos bastidores ajudando na contra regragem e me incorporando ao grupo. A partir daí me envolvi com o teatro apresentando peças, participando de festivais e viajando com o grupo nessa mesma época.

Mesmo forçando a memória não me recordo da primeira vez em que fui ao circo, acredito eu que tive primeiramente o conhecimento do circo por meio da TV, através dos filmes do Chaplin (O Circo) e Jerry Lewis (O Rei do Circo). Sempre que tinha circo na cidade ia assistir. Claro que os circos que frequentavam a minha cidade eram bem diferentes dos circos do cinema, eram circos pequenos, bem pobre, lona “tomara que não chova”, mas segundo quem entendia do assunto, eram nesses circos que tinham os melhores palhaços, e tinha mesmo, e era com eles que eu me identificava, chegando ao ponto de decorar músicas, piadas e trejeitos do palhaço e reproduzir em encontros com amigos.

Sempre me perguntava se um dia teria coragem de pintar a cara e ser um palhaço e viver no circo, e, ao mesmo tempo que um fio de coragem aparecia, imediatamente o trator opressor passava por cima, pois, apesar da vida pacata e simples da cidade, morava numa casa boa e tinha a segurança do ciclo familiar, mesmo eu discordando e me acovardando diante da dúvida de lutar ou ficar acomodado, levava em conta a voz da sociedade onde para ela, os circenses eram pessoas de baixa reputação.

A mesma magia, as histórias e as fantasias do circo sempre me encantava e ficava maravilhado com a vida embaixo de uma lona. Lembro-me ainda que assisti ao filme “O maior espetáculo da terra”, que contava a história de um médico acusado de assassinar a própria mulher e se esconde no circo disfarçado de palhaço e devido a um acidente com um trapezista, houve a necessidade de um médico com urgência. Ele decide ajudar e assim, revelando sua verdadeira identidade, salva a vida e vai preso. Mesmo assim, não deixa de ser uma história triste envolvendo um palhaço.

Foto 3 – Eu, Chiquinho e Socorro ao fundo. Peça Casamento de branco de Altimar Pimentel. Teatro experimental de Cabedelo-TECA - 1978



Fonte: Acervo Pessoal.

Foto 4 – Viva a Nau Catarineta de Altimar Pimentel. Teatro experimental de Cabedelo - TECA



Fonte: Acervo Pessoal.

1.3 Encontro com um palhaço de rua

Certa vez, num bairro pobre da periferia da cidade, apareceu por lá um palhaço. Ele chegou numa Kombi e foi logo fazendo graça com todos. Fiquei maravilhado e fascinado com essa figura, que até aquele momento eu só via nos picadeiros dos circos ou nas telas de TVs.

Ele era muito bom, bonito e elegante, seus sapatos grandes, seu figurino lindo e sua maquiagem era perfeita e saiu pelas vielas do bairro acompanhado por um punhado de crianças. Num determinado momento, ele parou em frente a uma moradora que estava no portão de sua casa vendo a festa que ele estava fazendo, e o palhaço, alegando que estava com sede, pediu um copo d'água e o jeito que ele segurava o copo e tomava água era muito engraçado e em certo momento ele enchia a boca com água, fazendo que estava engasgado quando ia falar. Ele fazia um bico e saía um filete de água que molhava quem estava na frente, a primeira a se molhar foi a dona da casa.

Vejam como o palhaço é cruel, ele não mede esforços para sacanear até quem o ajuda. Ai eu já estava perdidamente apaixonado por aquela figura tão mágica e pensei “é esse palhaço que quero ser, quero ser igual a ele”.

1.4 O festival de palhaços

Dentro de pouco tempo, descobro que aquele palhaço era o “Xuxu”, do ator Luiz Carlos Vasconcelos, que estava organizando um festival de palhaços num circo que estava armado na avenida Eptácio Pessoa (a principal da cidade), mais precisamente onde hoje é o Magazine Luiza.

Era um espetáculo só de palhaços e ele estava chamando palhaços para compor o elenco, então, eu não sei se eu já tinha criado meu palhaço, ou criei o palhaço para participar do espetáculo, só sei que eu fui para lá. Lembro que fazia uma esquete chamada “A flor do amor”, e consistia no seguinte: quando o palhaço chega, o branco já está no meio do picadeiro segurando uma rosa, e o palhaço todo curioso pergunta o que é aquilo.

Ele diz: “é uma rosa, mas é uma rosa muito especial”, aí o palhaço fica mais curioso ainda e pergunta por que ela é especial, aí o branco começa a explicar que aquela flor tem o poder de fazer qualquer mulher que cheirar seu perfume se apaixonar por quem está segurando a rosa, aí o palhaço não acredita e começa a duvidar das coisas que ele falou, mas aí o outro diz que tem como provar e sugere ao palhaço que, daquele momento em diante, a

primeira moça que passar ali ele iria fazer ela cheirar a flor e ficar apaixonada por ele e ele poderia vender para ele por R\$100.

Aí o palhaço concorda e em pouco tempo vai passando uma moça e ele faz a moça cheirar a flor e ela fica apaixonada por ele, aí o palhaço tira o dinheiro do bolso pega a nota, compra a rosa e o outro sai com a moça, aí o palhaço fica todo nervoso e fica treinando para fazer direito quando uma moça passar.

De repente vai passando uma moça e ele todo atrapalhado, tenta fazer com que ela cheire e cai por cima dela. A moça fica agitada e começa a gritar por socorro e ele vai ficando mais atrapalhado ainda, quando entra um guarda movido pelos gritos de ajuda da pobre moça, e ele tentando explicar para o guarda o que era que a flor fazia e entre um sopapo e outro, o guarda acaba passando o nariz perto da flor e se apaixona por ele. Só sei que fiz um figurino meio improvisado, mas tudo que eu conseguia era de algo que já tinha.

Foto 5 - Cheiroso no carnaval de Cabedelo - 1979



Fonte: Acervo Pessoal.

Foto 6 - Cheiroso com a plateia no Festival Paraibano de Palhaços



Fonte: Acervo Pessoal.

1.5 O primeiro nome

Tinha passado pouco tempo do dia que tinha havido circo na cidade e no último circo tinha um palhaço muito bom e eu terminei pegando o nome dele emprestado e coloquei em mim, dali em diante eu tinha o mesmo nome dele, era Ventinha (nariz muito grande).

Fizemos o festival e, diante do sucesso do espetáculo, resolvemos viajar com o circo pelo interior do Estado e levar essa nova proposta de espetáculo só de palhaços. Não lembro quantos éramos, nem lembro de todos. Além do “Xuxu”, tinha o “Querrenca”, “Bicudo”, a palhaça “Sapeca”, “Atchim”, “Dada”, “Pipi”, “Treme-treme” e “Picolé”.

Partimos para essa aventura, lembrando que não se trata de um circo tradicional, mas sim de um projeto onde todos, excluindo o pessoal da capatazia, que cuidava da montagem e desmontagem do circo. Acredito que todos os artistas não tinham experiência com circo tradicional.

E fomos para essa aventura, que pra mim era uma experiência única. Levei uma barraca de *camping* e fomos à luta, era minha oportunidade de experimentar o circo da forma mais natural, eu era um circense.

Não vou me delongar contando muitos detalhes da viagem, mas não foi uma experiência muito agradável. Logo no início tivemos problema quanto à forma do nosso espetáculo formado só por palhaços, que não era a forma que a população local tinha de ver o

circo, eles queriam ver palhaços tradicionais, os esculhambados, os que falam “putaria” e palavrões, e o nosso espetáculo só tinha esquete água com açúcar, coisa que o diretor tratou de remediar indo contratar artistas de circo tradicionais para salvar a turnê.

Logo, tínhamos em nosso convívio algumas famílias de circo tradicional e o nosso espetáculo que era só de palhaços foi tomando forma de um espetáculo de circo tradicional, com números de malabares, aéreos, mágicos e palhaços.

Em outro caso enfrentamos um temporal e tive a minha barraca levada pela lama de um barranco que tinha perto. Findou que em uma cidade, num determinado dia em que o circo ia estrear, à tarde saímos para fazer a propaganda da estreia, e na propaganda a gente falava do espetáculo e dava os nomes dos palhaços que tinham no circo.

Quando foi no início da noite chegou a polícia no circo atrás do palhaço Ventinha e me levam para a delegacia. Lá fui informado que constava uma ordem de prisão em nome do palhaço Ventinha, uma mulher disse ter sido agredida e enganada pelo palhaço Ventinha e depois de explicar que eu não era esse palhaço Ventinha, o delegado achou por bem chamar a vítima para fazer uma acareação. Ela veio e confirmou o que eu havia dito e me liberou. Isso depois de consumir bastante tempo na noite.

De manhazinha, apareceu no circo um senhor já bem velhinho querendo falar com o palhaço que tinha sido preso. Fui ao seu encontro. Ele falou que na juventude tinha trabalhado num circo e ele perguntou como foi que eu escolhi o nome do meu palhaço e eu contei que tinha tido um circo na minha cidade e o Ventinha era o palhaço desse circo e ele era muito bom e eu peguei o nome dele.

Então, ele me falou que eu tinha cometido um erro ingênuo por não pertencer ao mundo do circo, ele me falou que ninguém coloca o nome de um palhaço vivo, podem ser bons palhaços, mas muitos fora do circo são alcoólatras e, sabedores que vão ficar um determinado tempo na cidade, se envolvem em bagunças e relacionamentos amorosos muitas vezes conturbados.

Eu disse: “Pronto, agora tô lascarado, tenho que mudar de nome!”, e ele me falou que no circo que ele trabalhou, tinha um palhaço que já tinha morrido e se chamava Cheiroso. Eu falei: “Pronto! Esse que eu vou ficar, de agora em diante meu palhaço vai se chamar cheiroso! Porque feiura a gente perdoa, mas mau cheiro não.”

E para completar a aventura, o circo foi para Cabedelo. Eu nutria um desejo especial de me apresentar na minha cidade, acho que é o orgulho de todo o artista. Na cidade, após algumas apresentações, o circo começou a passar por dificuldades e lentamente foi se acabando. Pouco a pouco os artistas vão indo, a luz e água são cortadas, não tem mais artistas

para fazer o espetáculo, não tem mais espetáculo... O circo acabou na minha cidade e eu fui o último espectador, foi um triste espetáculo.

Foto 7 - Cheiroso e Bicudo fazendo propaganda do circo no interior da Paraíba



Fonte: Acervo Pessoal.

Foto 8 - Uma família tradicional de circo - Festival Paraibano de Circo



Fonte: Acervo Pessoal.

1.6 A triste partida

Nessa época, alguns artistas estavam indo para o Rio de Janeiro e São Paulo, dois pólos de oportunidade para o mercado de trabalho. Também tinha vontade de partir, mas não

tinha dinheiro. Foi quando meu pai recebeu como castigo, uma transferência para trabalhar no litoral do Paraná. Depois de ter fincado vida em Cabedelo há mais de vinte anos, ninguém da minha família queria ir, ainda mais pela condição de minha mãe que era professora do Estado.

Eu olhei no mapa e vi que o Paraná era mais próximo do Rio de Janeiro e decidi ir com ele. Chegando lá foi que vi que não ficava tão perto. Fomos morar em Paranaguá, uma linda cidade histórica onde o Paraná começou, um choque de cultura e costumes e de uma hora pra outra me tornei retirante, mas fui com um forte desejo de voltar.

Na cidade, depois de se acostumar um pouco com o frio, não detectei nenhum grupo de teatro e depois de algumas apresentações do Cheiroso em festinhas infantis, ele entrou num sono longo e profundo.

Fui ser normal, trabalhar, ganhar dinheiro, casar, ter filhos, mas sempre acompanhando a vida dos amigos que também, assim como eu, tinham se tornado imigrantes. Foi um longo e conflituoso inverno, casei, descasei, tive filhos, trabalhei, ganhei dinheiro... Tento voltar, quebrei, voltei de novo e não era feliz, faltava alguma coisa!

Nesse interim, vou morar em Curitiba, capital do Estado. Pela primeira vez na vida vou morar numa grande capital. Me inteiro da vida cultural da cidade e percebo que o teatro é bem profissional, não existia o teatro amador, e vou vivendo, aproveitando alguns cursos e oficinas, os festivais, mas com um grande incomodo, até o dia que alguma coisa falou dentro de mim: “Você só vai ser feliz quando fizer o que gosta”.

Decidi seguir o coração e me perguntei: “O que é que você gosta?” E me veio na cabeça a fotografia e o teatro. Se não falei da época em que era fotógrafo, falarei agora! Foi uma época que trabalhei numa loja de materiais fotográficos e comprei minha primeira câmera e virei fotógrafo. Cheguei a ter um estúdio e laboratório, onde eu revelava meus próprios filmes em preto e branco, retratava casamentos, batizados, aniversários. Mas minha paixão era o preto e branco.

Retomando o rumo da nossa história, comecei a tentar voltar para o mercado da fotografia para ganhar uma grana e passei em um curso técnico para formação de ator oferecido pela Universidade de Curitiba para tentar me profissionalizar na arte. Nessa época, o Cheiroso continuava em sono profundo, pensava nele, mas naquele momento, ele não estava sendo lembrado para acordar.

O lance da fotografia até que deu certo por um tempo, mas devido ao muito tempo que fiquei longe das lentes, fiquei muito desatualizado e precisava de um investimento grande que não estava muito disposto a encarar. As incomodações tinham diminuído, mas não tinham

acabado. Não demorou muito e parei com a fotografia e fiquei sem opção de fonte de renda, só me restava o palhaço adormecido como última opção, já começava a pensar nele e ver as possibilidades que tinha em acordá-lo, sentia necessidade de colocá-lo para fora, um misto de medo e ansiedade tomou conta de mim e muitas perguntas rodeavam meus pensamentos: “Como seria o cheiroso ali?”, “O que ele iria fazer num lugar tão diferente do seu?”.

Confesso que as desculpas e o excesso de zelo eram motivos para adiar a aparição do Cheiroso. Não sabia como ganhar dinheiro com o Cheiroso e ele não gostava simplesmente de pedir. E a cada dia ia pensando e criando um jeito de colocar o Cheiroso na rua. Acho que tinha um pouco de vergonha também.

Foto 9 - Cheiroso na Feirinha em Curitiba



Fonte: Acervo Pessoal.

Foto 10 - Cheiroso na Feirinha de Curitiba



Fonte: Acervo Pessoal.

1.7 Uma feira para cheiroso

Lembro que foi num sábado o dia da primeira aparição do Cheiroso. Aí ele já apareceu velho, um velho palhaço com uns oitenta anos, ele foi de uma ponta a outra do calçadão da Rua XV, um trecho de um quilometro e meio bem movimentado no Centro de Curitiba. Resolvi levar nariz de palhaço para presentear a quem colaborasse com o palhaço, como forma de chamar a atenção e interagir com as pessoas. Criei uma mala musical, onde coloquei um toca CD e ia tocando forró pelas ruas de Curitiba, o que terminou dando certo e fiquei conhecido como o “palhaço da mala”.

A estreia foi boa, haja visto que o tipo do Cheiroso não era muito comum nas ruas de Curitiba. A herança do sangue nordestino estava impregnada nele, ele já acordou velho, um velho de oitenta anos. É como se ele tivesse passado uma vida inteira dormindo, tudo era novo para ele, as pessoas, a cidade...

Ele tinha ido dormir no início da televisão a cores quando acordou, tinha até telefone celular, só que num mundo mais frio nos relacionamentos, mais egoísta. Mas faltava para ele um palco maior, já que na Rua XV se restringe num determinado espaço o fluxo

maior de pessoas e foi aí que conheceu a feirinha do Largo da Ordem, o Centro Histórico onde a cidade começou, com vários pontos turísticos.

Essa feira começou em 1973 e era formada na sua maioria por pessoas do Movimento *Hippie* da época. Com o tempo, a prefeitura tomou para si a organização. É uma feira de artesanato muito grande, visitada por turistas de várias partes do mundo, tem de tudo e por isso vem muitos compradores de fora comprar ou fazer encomendas. Tem pra mais de mil e quinhentas barracas espalhadas por ruas, praças, vielas e avenidas. O horário oficial de funcionamento é das nove as quatorze horas, mas a partir das seis horas já tem artesãos por lá.

Foi aí que descobri um terreno fértil para cultivar minha arte. Todos os domingos eu tinha trabalho, saía de casa cedo, morava há uns trinta quilômetros de distância. De início ia de ônibus, depois de bicicleta, trocava de roupa e maquiava no banheiro da lanchonete de um contrerrâneo do Ceará, depois passei a ocupar as dependências de um museu.

Tirando a tristeza de uma bicicleta roubada – quer dizer, não foi bem roubada, eu coloquei o cadeado e não travei (coisa de palhaço) –, foi nessa feira e através dela que Cheiroso teve as melhores experiências de sua vida, conheceu pessoas maravilhosas, construiu muitas amizades, encontrou muitas almas caridosas, construiu uma história, começou a conviver com artistas de rua.

Logo Cheiroso caiu nas graças de todos os feirantes, criou laços afetivos com muitos, levava de quatro a cinco horas para passar por todas as barracas e muitos reclamavam e ficava tristes por ele não ter passado lá. Para a feirinha ser completa, o Cheiroso tinha que passar lá, cada parada uma festa, e o melhor, ninguém conhecia o João, só conhecia o Cheiroso.

Aos poucos, para alguns fui revelando a identidade, que surpresa não era. Vivi vários momentos maravilhosos. Em uma barraca, logo no início do meu percurso, o artesão era avô de uma linda netinha que de quinze em quinze dias estava lá com ele na barraca, devia ter uns sete anos, e começamos a nos desafiar nas charadas, todo domingo eu tinha que pesquisar charadas difíceis para ela, o avô me confidenciou um dia que ela tinha pedido a mãe para comprar um livro de charadas para ela. Lembro bem do riso alegre dela de se preparar para esse encontro domingueiro.

A vida não estava fácil, mas eu me sentia mais humano, comecei a levar alegrias para as pessoas, isso era maravilhoso, aí eu me comparava ao Pirolito das sombras dos laranjais, era também o Augusto do “Sorriso ao pé da escada”, de Henry Myller. E ia criando coisas para incrementar minhas andanças pela feirinha...

Fiz um bolo de aniversário de papelão e quando encontrava alguém aniversariando fazia a festa no meio da rua. A brincadeira foi ficando conhecida e chegou num ponto em que muitas pessoas passaram a comemorar os aniversários oficiais na feirinha, vinham em turma com direito a bolo de verdade e tudo. Mas a foto com o bolo de papelão tinha que ter.

Foi através de um feirante que ganhei um telefone de orelhão – só a parte do ouvido – e criei o meu telefone celular com câmera digital que está comigo até hoje, nesta época comecei uma coleção muito especial que começou a fazer parte do meu figurino. Era uma coleção de chupetas, que eu conseguia trocar por um nariz de palhaço. A tarefa não era fácil, mas era uma festa quando conseguia.

Teve um caso onde já era domingo de noite. Eu estava descansando depois de um dia cansativo, quando o telefone toca, era uma mãe dizendo que a filha de nome Renata tinha trocado a chupeta por um nariz de palhaço. Quando ela falou na menina, me lembrei logo, pois um dos acordos que envolvia a troca era de cuidar bem da sua chupeta. E a mãe se desculpando porque ela ficou bastante impressionada com o palhaço. Junto com o nariz, passei também o número do telefone e a menina não queria dormir enquanto não falasse com o palhaço.

Acalmei sua alma, disse que sua chupeta estava em boas mãos e só assim ela conseguiu dormir. Depois desse dia viramos amigos, sempre que podia lá estava ela para dar um abraço no palhaço.

Outro caso curioso resultou num laço afetivo com toda uma família que vendia caldo-de-cana na feirinha. Ele e a esposa já velhos eram os pioneiros do negócio, sendo ajudado por uma filha e um genro. A outra filha ficava em outra barraca, que também tinha uma filha de sete anos.

Nessa época estava tendo um aumento no caso de doença de chagas no Paraná, onde o bicho transmissor era o bicho barbeiro, e houve uma grande campanha por parte da Secretaria de Saúde do Estado alertando a população para que não consumisse o caldo-de-cana, pois havia uma suspeita que o bicho barbeiro estaria sendo amassado na hora da moagem da cana. A família do caldo-de-cana já tinha visto na prática o efeito da propaganda, pois os clientes estavam cada vez mais escassos, culpando sempre o danado do bicho barbeiro.

Nesse dia fui pra casa pensativo e durante a semana tive uma ideia. No outro domingo, quando cheguei em frente ao caldo-de-cana, subi na calçada e comecei a fazer propaganda gritando: “Venham todos! Venham todos! Tomar caldo de cana sem bicho

barbeiro! Aqui é garantido, tem bicho barbeiro não! Aqui não morre não! E caso você morra a empresa tem um seguro que garante vela, caixão de primeira e quarenta pessoas para chorar no cemitério, caso você não tenha parentes ou amigos!”. Não sei se consegui reverter um pouco a situação, garanto que num pequeno espaço de tempo dávamos boas gargalhadas. Findou eu ficando amigo de toda a família.

Em outro caso, tinha um rapaz, já homem formado, que ficava numa barraca, bem tímido e carrancudo, já tinha observado ele, mas só dava um bom dia e aceno da cabeça. No princípio ele nem respondia, mas com a insistência começou a responder e teve um certo domingo que tomei coragem e parei, comecei a falar não sei o quê com ele e terminamos emplacando uma conversa. A partir daí todos os domingos batíamos altos papos filosofando pela vida, sempre de uma forma lúdica e alegre, até o dia que um outro feirante que já tinha me conhecido resolveu me apresentar para ele...

Um misto de tristeza e decepção se fez no seu rosto, olhando pra mim ele falou que o amigo tinha acabado com o sonho dele, pois no seu imaginário ele não via outra pessoa por trás do palhaço, e nem queria saber, para ele só existia uma pessoa. Quebrou o encanto.

Desse dia em diante nossos papos não foi mais o mesmo. E assim foi se passando o tempo e entre apresentações semanais, sempre apareciam convites para apresentações em festas eventos aniversários, feiras, festivais em outros locais e cidades.

Foto 11 - Cheiroso no caldo de cana do seu Ageu



Fonte: Acervo Pessoal.

Foto 12 - Cheiroso comemorando aniversário em feirinha de Curitiba



Fonte: Acervo Pessoal.

1.8 A volta para Cabedelo

Mas as angústias e aflições, embora tivessem diminuído bastante, ainda continuavam não sabia porquê, alternando com momentos de desânimos. Tinha domingos que torcia pra chover para não ir pra feirinha, tinha necessidade de sair de Cheiroso, mas ao mesmo tempo o medo e a desconfiança aparecia junto.

Analisando hoje, sinto que no fundo era uma forma de negação, mas quando saía e voltava, mesmo cansado e todo arrebitado por causa do desgaste que cada apresentação exigia, me enchia a alma com sentimentos bons e um momento de calma.

Sempre me considerei um forasteiro em terras estranhas, e a vontade de voltar só aumentava. Não tinha a menor ideia do que iria acontecer e nem planejei nada, só sei que durante uma visita terminei ficando. Outro choque.

PARTE II

NOVE PASSOS PARA A CRIAÇÃO DA SOLO PERFORMANCE: A PAIXÃO DO PALHAÇO

Passo 1: Objetivos

Criar uma visão pessoal de mundo implica em você dar um objetivo a sua vida. A partir da sua própria criação de visão do mundo, as coisas vão se clareando, isso dá o *start* para o processo criativo/artístico, onde você usa a arte para expressar muitas vezes aquilo que você defende e que você não defende no dia-a-dia cotidiano.

Criação é início, é o primeiro lampejo que vem na cabeça, é a insatisfação, é a angustia, é o medo, é a incerteza, é a dúvida que vai se consolidando na mente como uma ideia, é aquilo que incomoda, é algo único que sai de dentro da gente e que muitas vezes não colocamos pra fora.

Foto 13 - Início da concepção do cenário do espetáculo "A paixão do Palhaço"



Fonte: Acervo Pessoal.

É usando nossas angústias para dizer de modo criativo aquilo que muitas vezes não temos coragem de dizer de “cara limpa”, nesse caso, considero fazer uso da criação como

se fosse um “caminho” a seguir. Todos estão acostumados a seguir aqueles mesmos “caminhos” já traçados, onde muitas vezes você consegue trilhar de olhos fechados ou utilizando o “atalho” que também já está demarcado e que nos leva ao mesmo lugar sempre.

A revolução começa quando você decide não ir por aqueles caminhos já conhecidos e você passa a criar suas próprias trilhas e essa revolução no início é você com você mesmo, sozinho por muitas vezes. As pessoas não estão dispostas a cair no abismo da incerteza, então é preciso muita coragem para começar a “criar” sem certezas, a única certeza é que você não quer ir por aqueles caminhos e atalhos que todos já conhecem e sabem onde vai dar.

E quando você consegue criar um caminho que o leva a outros lugares e, quando a sociedade descobre, mesmo muitos não seguindo você, fica algo de revolucionário, de inovador. De agora em diante não existe só o “caminho”, o “atalho”, existe também um outro caminho criado por você.

E nesse processo está a busca pela liberdade. E para falar de liberdade é preciso ser livre e muitas vezes não somos livres, achamos que somos livres, mas não somos. Precisamos fazer uma auto avaliação e verificar o quanto estamos presos e o que está nos prendendo. Como podemos falar de liberdade para os outros se não estamos livres? E para sermos livres é preciso conhecer realmente o que é liberdade e nos livrar das amarras que a sociedade nos impõem de várias maneiras, é ter coragem para questionar como estamos vivendo e se estamos vivendo livres.

O mundo nos aprisiona de várias maneiras e na maioria das vezes, a prisão não é entre grades e sim são prisões com falso poder de liberdade. A maior prisão da atualidade é a prisão do tempo, estamos presos por falta de tempo e por esse motivo, deixamos de ter liberdade.

Então precisamos nos livrar da falta de tempo, precisamos ter tempo livre para falar de liberdade. Quando se consegue isso, nos habilitamos a levar para o público o conceito de liberdade. Mas aí entra um outra questão, temos agora um outro conceito para defender e praticar, o conceito de responsabilidade política, e para isso é necessário que entendamos qual é a nossa participação política na sociedade.

“Que ser político eu sou e qual é a minha responsabilidade?” E para isso você vai ter que ler, estudar, analisar, escutar o contraditório, não julgar, analisar sem tomar partido, respeitar as diferenças, saber argumentar, ouvir bastante, mudar se necessário. E isso tem que ser uma constante em nossas vidas, a partir daí, estaremos livres para levar para o público o conceito de liberdade e muitos vão querer ser livres como nós.

O tema/conteúdo/assunto que gostaria de trabalhar seria algo relacionado a minha própria história e a do meu palhaço. Algum tema onde poderia brincar de dizer verdades. A relevância desse tema para mim parte do princípio de que sempre acreditei que o artista tem que dar o seu recado usando a sua arte, o público tem que sair do espetáculo diferente de como entrou, tocado, mexido, incomodado, acredito ser importante.

Quanto a urgência, não tenho muita, mas a partir do momento que o tema/assunto aflora, a vontade é de mostrar o quanto antes para o mundo.

Desde o início do processo, bem antes de saber o que iria fazer, qual o caminho a seguir, estava convencido de querer fazer algo especial, aproveitar bem o tempo e o processo para criar e fazer algo impactante. A ideia de fazer um solo performance era desafiador e as coisas foram fluindo com os exercícios e as conversas, onde podíamos ter noção do que estávamos mostrando e o que a plateia estava vendo.

Já tinha assistido a um espetáculo da Denise Stokloshá muito tempo, mas não tinha conhecimento que era um solo performance e de como ela trabalhava, e foi nesse processo que pude tomar conhecimento e vivenciar o trabalho da solo performance e passei a entender melhor a proposta.

Confesso que sempre gostei de atuar e nunca me liguei em querer dirigir ou fazer outras atividades como luz, som, cenário, pois acho que sempre uma visão de fora ajuda muito e contar com pessoas que já têm certa experiência em áreas específicas é sempre bom, mas já tive experiências em processos colaborativos de montagem e sempre que discutíamos o espetáculo as ideias fluíam com mais facilidade, mas a partir do processo de elaboração da solo performance, onde você passa a ser responsável por todo o processo concepção, direção, atuação, figurino, cenário, luz, som... Foi bastante desafiador e gratificante! É claro que contamos também com as opiniões e análises dos companheiros envolvidos no processo e foi de grande valia.

Passo 2: Concepção

Sempre quis fazer um monólogo, era o meu sonho, mas as ideias não se encaixavam e sempre pensava em quem iria dirigir, e, quando tive contato com a solo performance me conscientizei de que poderia participar de todo o processo criativo e desenvolver todo o espetáculo.

No início é assustador e angustiante, pois é um processo de você com você mesmo. Em meu trabalho, parti de fragmentos de frases e pensamento que me tocavam de alguma forma, mas o que eu mais queria era trabalhar o palhaço de forma triste, onde ele pudesse se expor sem a responsabilidade de fazer simplesmente as pessoas rirem, e nesse momento as coisas começaram a se encaixar e consegui remendar (e ainda estou remendendo) meus fragmentos de pensamentos.

Tenho consciência que o trabalho está apenas começando e o caminho é longo para alcançar um estado ideal no meu trabalho como ator e não existe outro caminho a não ser o trabalho de ensaios e continuar a experimentar sempre.

Como realizar uma autodireção na solo performance? No meu processo, as ideias foram se juntando aos poucos e de forma aleatória. Sempre fui artista popular e de rua, então, desde o princípio a questão de gênero e linguagem foi neste sentido, sempre me considerei dadaísta no teatro e no meu processo criativo as coisas acontecem sempre de forma anárquica, sem me preocupar (e ao mesmo tempo me preocupando). Mas, como já tenho esse viés popular, geralmente as coisas vão surgindo por esse caminho. Nesse processo as coisas caminharam muito naturalmente.

O texto é na verdade, uma grande colcha de retalhos, ele é todo fracionado por frases, pensamentos, meditações que no momento que tive acesso, me identifiquei. Fiz uma releitura, reescrevi para mim, e não peço por isso, são textos que refletem bem o meu ser, tudo que gostaria de dizer daquele jeito e não disse. E mesmo se dissesse, não diria tão bem.

Tem pedaços de textos de outras peças, frases que tirei de filmes assistidos e outras de livros. Depois de conseguir amarrar o texto, começaram a surgir as incomodações. “Quem iria atuar?”, “O eu/ator ou o eu/palhaço?”.

De forma natural o palhaço se encaixou, o cenário foi surgindo naturalmente. Tentei desenhar algumas ideias a partir da definição do espaço cênico (um camarim de um palhaço num circo). O cenário aos poucos foi sendo construído e tomando forma. O figurino (já tinha o palhaço), objetos e adereços foram aparecendo e se encaixando. A maioria dos objetos já estava comigo há bastante tempo, com grande valor sentimental, mas sem uso. Nunca me desfiz e eu não sabia porquê, hoje faz parte da composição cênica.

Solidão anárquica e disciplina arregal... Gosto da solidão anárquica, pra mim o fato de estar só já me faz estar acompanhado da solidão. Ao mesmo tempo, tenho que domar minha anarquia que tende a pender para o lado da bagunça, para não dizer o caos irresponsável. Costumo dizer que meu processo criativo é angustiante, penoso e complicado, mas deixo-me levar. Muitas vezes as coisas aparecem em sonhos, outras vêm pela metade.

O mais complicado era praticar o desapego e esse processo me ajudou muito a desapegar. Muitas coisas eu coloquei no papel, mas na hora da prática tive que tirar e foi uma experiência muito boa para mim praticar o desapego.

Quanto ao princípio de disciplina arregal, preciso trabalhar muito isso, pois sou totalmente indisciplinado e sei que isso não é nada bom. Reconheço que sou um sabotador de mim mesmo, e isso me prejudica muito e sei que o único meio de mudar isso é o trabalho constante em querer melhorar.

Passo 3: Coreografia e Expressão Corporal

Este movimento, tenho plena certeza, é o que tenho que melhorar mais. Na minha solo performance, sinto que o meu trabalho tem uma carga emocional muito grande e que até o momento estou ainda patinando na coreografia. Desenhar a ação de forma que eu consiga sair da narrativa pura e simples e passar para um corpo vivo e nisso, tenho que cada vez mais melhorar.

Sei onde quero chegar, mas para isso tenho que me comprometer mais, preencher os espaços vazios do meu pensamento. Meu espetáculo requer um corpo velho, cansado, um andar vagaroso, movimentos de alucinações, modo reflexivo, respiração carregada, movimentos doloridos, perdas, passado, fim de vida... E o meu maior desafio é ter tudo isso num corpo vivo que possa se juntar a ação.

Como já disse nos movimentos anteriores, de agora em diante, é focar e trabalhar o conjunto, acredito que cada melhora em um movimento serve de escada para melhorar o outro e assim de forma contínua, vou atingir a meta. Sei que não é nada impossível, só preciso de solidão anárquica e disciplina arregal. Hoje do jeito que está, está bom, mas pode melhorar.

Quanto ao espaço cênico, tenho pensado muito sobre isso, meu palco sempre foi a rua e sempre trabalhei bem com isso, mas com esse espetáculo, isso mudou. Com certeza não é um espetáculo para rua. Pensei em teatro, mas não de forma tradicional (público na plateia, espetáculo no palco) não vai funcionar, pois o espetáculo é intimista e tem a quarta parede. Tentei quebrá-la e não funcionou, mas funciona bem no espaço cênico do palco (espetáculo e plateia no palco) e em espaços alternativos fechados. Tenho que trabalhar isso de forma a dominar mais o assunto.

Passo 4: Voz

De grande importância o trabalho de voz numa solo performance, principalmente na minha pois tem muito texto e sinto a necessidade de um trabalho mais exclusivo em relação a voz. Este experimento eu fiz com algumas pessoas, tanto no modo de apresentar em sala o que tínhamos e depois debater com os colegas, bem como, ler o texto para pessoas que não estavam envolvidas no trabalho, foi muito proveitoso com dicas e sugestões para melhorar o trabalho.

Passo 5: Presença Sonora

A princípio, durante o processo de criação, senti vontade de uma trilha sonora para dialogar com a dramaturgia e pensei algo que se encaixa bem na linha do espetáculo, que seria uma trilha musical sendo executada ao vivo por um músico com um só instrumento (uma rabeca).

Mas não consegui desenvolver o projeto musical, tendo em vista que para isso precisaria do envolvimento de outra pessoa (o músico) e isso não se realizou, findou o espetáculo acontecer apenas com uma caixinha de música, o que encaixou muito bem na proposta poética do espetáculo. Mas o espetáculo não está fechado e estou bem aberto a novos experimentos.

Passo 6: O Público

Acredito que o trabalho artístico da solo performance tem que criar emoção, fazer o público se emocionar com o que ele está vendo e se acontecer isso, já atingiu o seu objetivo. Na verdade, o espetáculo é meu, é a minha cara, é o que penso, é o que mexe comigo e levo tudo isso para o público e cada um tira suas próprias conclusões. Todo o espetáculo está cheio de simbologia, metáforas e toca cada espectador de forma diferente.

Fundamental esse diálogo com os espectadores e já adotei essa ação nas minhas apresentações. É de uma riqueza para a melhoria de qualquer trabalho, o que funciona e o que deixou de funcionar.

Passo 7: Figurino, Cenário e Adereços

Na verdade, o meu figurino já estava pronto, haja visto que utilizo do meu eu/palhaço para atuar. A concepção artística e conceitual do cenário da minha solo performance é bem pessoal, trata-se de um camarim de um velho palhaço de um circo decadente formado por um guarda sol todo furado representando a lona do circo, uma penteadeira antiga, com um espelho arredondado em cima da penteadeira, maquiagem e pinceis espalhados, um porta retrato com fotos dos filhos, um palhaço de corda, uma bandeja com uma garrafa de aguardente e um pedaço de pão, um copo um velho banco, uma bacia de alumínio, uma cruz feita de papietagem.

Todos os objetos já me pertenciam, faz parte da minha vida e se comunica de forma bem pessoal comigo.

Passo 8: Luz Essencial

O que seria uma “iluminação essencial” para o solo performance? Não sei o que seria uma luz essencial para o meu solo performance e com relação ao meu espetáculo, a iluminação veio de forma natural, mas ainda não está do jeito que imaginei. Trata-se de apenas uma luz de filamento amarelada que fica em baixo do guarda sol e que é ativada quando o palhaço entra no camarim. Esse tipo de luz remete a uma luz amarelada, decadente, bem ao estilo do espetáculo.

Até agora eu não testei esse tipo de luz e tenho usado uma de *led*, já ficou bom, mas acredito que com a luz de filamento pode ficar esteticamente melhor.

Minha solo performance pode ser apresentada em dois tipos de espaços: no teatro, utilizando o espaço cênico do palco como cenário e plateia meia lua; ou em salas alternativas. Nos dois casos o que se faz necessário é que o ambiente seja escuro para valorizar a iluminação do espetáculo

Passo 9: Os Ensaios

O processo teve início na disciplina “Estudos Avançados III – Mímica e Improvisação” do Curso de Bacharelado em Teatro do ano de 2018, sob orientação do Prof.º

Ricardo Canella, baseado no processo de pesquisa de Denise Stocklos sobre o teatro essencial e o solo performance.

Com exercícios partindo da mímica, o professor procurou estimular em cada discente o seu processo criativo e conceber o seu próprio solo performance. As aulas buscavam instigar o processo criativo de cada um por meio de exercícios de corpo e mímica. Inicialmente, as práticas e os exercícios partiam de frases e pensamentos de cada um, a meta era que cada um fosse o criador do seu solo performance, desde a ideia, concepção, direção, execução, cenário, iluminação.

Dentre as várias ideias e inquietações em mim, nada naquele momento apareceu, mas achei o processo muito desafiador e cheio de incertezas. Continuamos. A princípio, os exercícios eram acompanhados por frases e/ou poemas, conforme fosse de agrado de cada um, e mesmo cheio de ideias, o que me veio na mente foi o velho e bom pensamento do Chaplin: “Se você tivesse acreditado nas minhas brincadeiras de dizer verdades, teria ouvido verdades que muitas vezes teimo em dizer brincando, falei muitas vezes como o palhaço, mas nunca desacreditei da seriedade da plateia que sorria”, que me acompanha faz tempo e em todos os exercícios que necessitava de texto, mesmo não achando tão legal, sempre me vinha ele na mente.

Num dos exercícios usando mímica e alternando com movimentos de ações alto, baixo pesado, leve, ligeiro, lento, tínhamos que dizer o texto conforme a ação específica. Imaginem como ficou o poema... E fomos experimentando várias possibilidades. No decorrer das aulas, tínhamos que levar mais textos para ir acrescentando e experimentando muitas possibilidades. Fui levando fragmentos de textos que me tocavam de algum modo.

Tinha lido uma peça chamada “Palhaço”, de autoria de Thimotheno Wehbi. A peça tinha dois personagens e se passava no camarim de um circo, onde um dos personagens era um velho palhaço em fim de carreira. Seu texto era forte, ácido e muitas das vezes cruel. Me identifiquei muito com esse palhaço. Fiz algumas releituras de falas desse texto de forma a adaptar para serem usadas nos exercícios.

Sempre tive algumas inquietudes com relação a figura do palhaço alegre, gosto do palhaço triste, não é tristeza de pena, mas uma tristeza poética, o “brincar de dizer verdades”. E assim prosseguiu o processo.

Um dos exercícios consistia em desenvolver uma ação sem fala com início, meio e fim e os companheiros teriam que contar que história a ação contava. A única regra era usar só a mímica, e o que me veio como ideia foi fazer a seguinte ação: um palhaço num circo, ele sobe uma escada até o poleiro do trapézio e tocando um violino, começa a andar na corda

bamba e tudo ia bem quando do meio para o fim, ele sentiu uma pulga dentro de sua roupa e conforme ela vai mordendo ele vai sentindo, começa perdendo o violino e termina caindo, era essa história que eu queria contar.

Depois de cada apresentação, discutíamos o que tínhamos visto, sem discutir méritos, nem acertos e erros, mas sim, até que ponto conseguimos demonstrar o que queríamos dizer. Eram momentos muito ricos, divertidos e bastante inspiradores. No meu caso, que sou palhaço, muitas vezes sem querer, ficava evidente essa minha vertente popular, e nessa roda de conversa nosso professor, ao comentar por último a minha ação, disse que minha ação o fez lembrar de um livro o qual tinha lido, “O sorriso ao pé da escada”, de Henry Miller, perguntando se eu conhecia.

Disse que não conhecia, e ele fez um breve relato sobre o livro, que também não lembrava de muita coisa, mas, partindo da conversa e com o nome do livro, comecei uma pesquisa pensando que poderia encontrar o livro na *internet*. Não o encontrei na íntegra, mas encontrei fragmentos que me encantaram e pouco tempo depois, lendo o livro, a minha paixão se confirmou.

Era a história de Augusto, um palhaço que queria alcançar algo mais do que simples risos, ele queria levar o público para um estado de graça pura, um estado que nenhum outro palhaço conseguiu. A partir daí minha mente fervilhou, há muito tempo procurava algo assim e o processo começou a clarear...

E comecei a trabalhar, sem me prender muito em suposições, dando vasão e respeitando o que vinha em mente, e fui alimentando o processo com essas ideias e a cada aula experimentávamos sempre novas ideias. Até aquele momento não tinha sentido a necessidade de envolver o palhaço, mas como o processo envolvia ele, também aí resolvi testar na prática, já que a ideia era um palhaço velho, em fim de carreira em seu camarim em baixo de uma lona de circo toda furada (“tomara que não chova”).

O espetáculo começa com ele saindo do picadeiro após uma apresentação, cansado e sozinho e na invisibilidade do seu camarim, ele vai despindo a sua alma, refletindo de forma sarcástica sobre sua vida e o mundo, coisas que não tem coragem de falar na frente de outros, a “seriedade do palhaço”, onde ele vai conversando consigo mesmo.

Pouco tempo antes de ler o livro, me veio um questionamento com relação ao comportamento humano na atualidade, a questão é a seguinte: porque uma grande maioria de pessoas adoram Deus e amam Jesus Cristo, adoram e amam suas imagens pregado em uma cruz, mas ninguém se coloca para ser crucificado igual a ele numa cruz. Excluindo raras exceções de alguns poucos que se dispõem a se colocarem na cruz de forma artificial para

apresentações festivas em datas religiosas, ninguém se deixa ser crucificado nesse mundo de hoje, ninguém se deixa ser pregado numa cruz no lugar de outro.

Logo me veio no pensamento a figura do palhaço no lugar do Cristo e imaginei um quadro muito triste, mas também um quadro muito poético, não como afronta a figura do Cristo, mas para se comparar a ele, com o sofrimento, com a incompreensão humana, com a solidão, e qual não foi minha surpresa ao ler o livro “O sorriso ao pé da escada” de Henry Miller, onde logo na apresentação feita pelo padre Dom Marcos Barbosa, ele compara o sorriso do palhaço ao sorriso do santo.

Outra inquietude que incomoda o Augusto é o fato dele ser duas pessoas, ser um homem normal e ser palhaço. “Quem sou eu?”, “O eu ator ou o eu Palhaço?”, “Pois o ator interpreta vários personagens, mas e o Palhaço?”, “O Palhaço por si só não existe, ele precisa de uma alma para primeiramente ser criado, viver, a partir daí ele pode ser simplesmente Palhaço, como pode ser vários outros, mas e essa alma do Palhaço?”, “Quem é?”. Sinto que a pesquisa tem que continuar por uma linha mais filosófica, material para um novo trabalho.

Voltando ao assunto do Santo/Palhaço, a bela apresentação do livro continua dizendo: “O Augusto compreende afinal, o segredo do cristão ou do santo, o erro para ele tinha sido transpor seus limites, não lhe bastara fazer rir as pessoas, ele tinha querido dar-lhes a alegria. A alegria é dom de Deus”. E mais para o final do livro o autor diz: “O Palhaço é um poeta em ação. Ele é a história que representa. A mesma história que se repete – adoração, devoção, crucificação”.

A partir desse momento meu solo performance estava traçado: “A paixão do Palhaço!”, seu martírio, ou meu próprio martírio, era essa história que queria contar, agora era eliminar as dúvidas, “conto eu ou conta ele?”, mas a dúvida só existia no meu próprio eu, ele sabia que a história tinha que ser contada por ele.

E mesmo só com algumas ideias na cabeça, parti para o experimento, mas a história já estava traçada, queria mostrar o sofrimento, o martírio, e a crucificação do Palhaço, tudo isso dentro do camarim, em baixo de uma lona de circo.

Na minha primeira experimentação, ainda muito crua, mostrei para os companheiros o que eu tinha e depois nos comentários foram surgindo vários outros aspectos, mas como já sabia o que queria, alguns foram sendo incorporados, outros não, depois desse experimento, mesmo com toda a precariedade da ação (não tinha cenário nem objetos de cena, só o palhaço).

Neste dia, consegui passar emoção para a plateia e daí em diante, as coisas foram ficando mais claras e o espetáculo foi sendo construindo na minha mente, bem com o cenário

e vários objetos que foram sendo colocados no texto, ao mesmo tempo em que eu escrevia a dramaturgia do espetáculo.

Foi um período bastante rico em criação, coisas que carregava comigo há muitos anos começaram a fazer parte do cenário e assim, o cenário foi sendo concebido. Marquei uma nova experimentação para a próxima aula e tinha a ideia de fazer no mínimo três ensaios sozinho para usar e sentir os objetos de cena e saber o que funcionava ou não, e algumas dúvidas e ações me incomodava, e uma delas era com relação a quarta parede.

O espetáculo se passa todo dentro do camarim do Palhaço, então, a quarta parede já existe, é ele com ele mesmo, mas eu queria quebrar essa quarta parede para fazer a simbologia, onde a ideia era compartilhar a santa ceia e o lava pés com a plateia, mesmo achando que o Palhaço podia, de maneira anárquica, quebrar a quarta parede, mas mesmo assim alguma coisa incomodava, não estava encaixando direito, eu até gostava da ideia dessas ações e não queria tira-las, pois achava que na concepção geral do espetáculo iria ter uma caída, outra coisa era com relação a sincronia das ações e o texto falado.

No espetáculo, o palhaço volta de uma apresentação e começa a se desfazer do personagem, aqui abro um parêntese para explicar um pouco mais sobre o processo criativo dessa ação. Desde de muito tempo, sempre alimentei a ideia de fazer um monólogo e sempre imaginei esse monólogo sendo parte da minha vida. Eu imaginava um camarim onde eu iria me preparar para uma apresentação, eu entraria de João Fernandes e iria me maquiando e me transformando no palhaço Cheiroso, isso sempre esteve bem vivo na minha mente, mas só ficava nisso e não tinha ideia nenhuma para dar prosseguimento ao monólogo, mas a ideia fixa era essa, a transformação da pessoa no personagem.

Então, no processo de criação do solo performance, a ideia surgiu ao contrário, o personagem vai se transformando na pessoa, e o processo foi tão natural para que isso acontecesse que não me lembro como e por que, só sei que aconteceu. Mais tarde, refletindo sobre o processo, foi que fiz a ligação com minha antiga ideia do monólogo.

Voltando as questões das dúvidas e as sincronias das ações, no papel estava mais ou menos definidos os locais onde iriam acontecer as ações, mas não tinha experimentado na prática tudo isso e a minha ideia inicial de fazer três ensaios antes de apresentar para a turma não aconteceu, também o cenário não ficou pronto(uma penteadeira, uma cruz em tamanho natural), findou eu fazendo apenas um ensaio onde não pude testar as ações da santa ceia nem as do lava-pés e fui apresentar para a turma. Improvisei um cenário com o que pude conseguir e algum objetos pessoais começaram a fazer parte do cenário. Outra preocupação era com o texto que não estava decorado.

O desafio era conciliar o texto, ir se desfazendo do figurino e fazer as ações. O texto fluiu mais ou menos, o tirar da roupa teve alguns problemas e as ações onde eu iria para a plateia não aconteceu. Durante o bate papo depois da apresentação, naquele momento ficou claro para mim duas situações: o espetáculo é intimista (o palhaço com ele mesmo; a quarta parede existe e eu não consegui quebrá-la, porque ela não deve ser quebrada – ela pode ser quebrada sim, mas não deve ser –, deveria procurar outras maneiras para desenvolver as ações da santa ceia e dos lava-pés sem prejuízo do espetáculo e a principal conclusão que ficou para mim foi que nessa segunda apresentação para a turma, o espetáculo estava mais completo, com início, meio e fim, a diferença foi que no primeiro eu consegui emocionar mais (percepção da turma que tinha visto os dois).

O espetáculo todo é emoção, mas o palhaço tem que passar essa emoção. O que ficou de lição que eu já sabia era que, antes da apresentação, de agora em diante, o palhaço precisaria entrar no momento de concentração com ele mesmo, uma concentração interior, buscar o “estado de graça”, só assim ele conseguirá passar toda a emoção que o espetáculo exige para o público.

Nesse dia, sai triste da aula, sempre pensando em como resolver os desafios que o espetáculo colocava na minha frente, foi quando ouvi uma voz interior dizendo: “O espetáculo é seu, é você sozinho, só você pode resolver esses problemas, você não pode envolver ninguém nesse seu processo, o martírio é seu”.

Desse momento em diante as coisas começaram a clarear.

CONCLUSÕES

“Se você tivesse acreditado nas minhas brincadeiras de dizer verdades, teria ouvido verdades que muitas vezes teimo em dizer brincando. Falei muitas vezes com “O PALHAÇO”, mas nunca descreditei da seriedade da plateia que sorria.”

Charlie Chaplin

Ao final desse trabalho, só agora chego a uma conclusão sobre esse pensamento que carrego comigo há muito tempo: eu sempre pensei nesse pensamento como sendo a visão do Cheiroso para seu público, olho no olho. E hoje descubro outra coisa: que somente agora tomo consciência.

Isso também é o Cheiroso falando primeiramente para mim, e eu nunca tinha pensado nisso, só quando me coloquei no lugar de Cheiroso. Eu deveria ter acreditado nas suas brincadeiras de dizer verdades, eu sempre não quis acreditar nessas brincadeiras, e perdi de ouvir muitas verdades que hoje tenho que enfrentar diariamente, como a não descreditar da plateia, na sua seriedade, mesmo sorrindo.

Não lembro quando ou como tomei conhecimento deste pensamento que somente longo tempo depois soube que era atribuído a Charlie Chaplin. Do Chaplin eu tinha quadros e pensamentos e acredito que desde essa época este pensamento anda comigo. Outra coisa que nutria em mim um sentimento de paixão era o circo, se bem que naquela época eu não entendia bem esse sentimento, mas analisando hoje, entendo que desde bem cedo já estava alinhavado a minha tendência.

Pois é, se me considerar portador de três almas em um corpo eu acredito, não só acredito, como estou aqui para contar e refletir durante a minha vida inteira a influência da vida do eu, sendo o eu o princípio, o início de tudo. Surge primeiro o eu, o eu que tem a forma do humano, portador de um corpo físico que não pode esconder de ninguém, está à mostra.

“Mas como será esse eu inicial?”, “Como se comporta esse primeiro eu?” Sujeito inquieto, não na comparação de ser aquele sujeito que só vive se mexendo, não é do corpo que estou falando, e sim da mente, a inquietude intelectual onde não se vê o movimento, às vezes fraco, indeciso, medroso, cheio de vícios, consciente de toda a podridão que faz parte do seu mundo, mas consciente também que estamos aqui para nos tornar seres melhores, ser pessoas boas, pessoas que pratiquem o ato de amar, de amar o outro, sim.

Sei como é difícil amar todo mundo, não é assim, mas o problema é que estamos indo para os extremos. Estamos odiando mais. Se não amamos, vira nosso inimigo. De ódio não tem meio termo e precisamos buscar esse meio termo. O amar a que me refiro é um amar que a gente almeja e luta para conquistar. Defendo um meio termo, um amar que mesmo não sendo, que não seja sentimento de ódio, que gostemos mais do outro, pois, mesmo sendo um desconhecido, poderemos aprender a compartilhar e conviver com pessoas diferente a nós.

Mas vamos voltar ao nosso foco, a figura do eu, onde descrevia as suas fraquezas e na continuação da descrição vemos também um eu tímido e por demais envergonhado, vai se descobrindo um fraco, um covarde, de não ter coragem de se mostrar, assumir quem realmente é e resolve aprender a arte de atuar e daí, nasce o eu ator para poder ser o canal de comunicação que o eu usará para poder se mostrar através de um personagem.

Daí, os dois foram ficando amigos, e se tornaram dois eu's muito inteligentes, e os dois decidem unir suas intelectualidades e surge o ser superior, O PALHAÇO, ou o EU PALHAÇO.

O eu palhaço foi quem saiu ganhando, tornou-se entidade e começou a se afastar dos outros eu's, ficou quase independente, só não ficou mesmo porque o eu tem nas mãos o poder do criador e depende do eu a permissão da vida do palhaço.

O eu ator é totalmente frustrado, nunca foi famoso, passou um longo tempo negando o seu ofício, mesmo sentindo o desejo sempre de atuar. Foi ser normal, foi trabalhar, ganhar dinheiro e foi assim por um longo tempo, mas nunca foi feliz, e não vai ser até que, conforme nos conta Dom Marcos, no prefácio do livro “Sorriso ao pé da Escada”, com o qual findo estas conclusões:

Não tinha acaso descoberto no seu período de renúncia... Agindo, como ele gostava de dizer, segundo o que se apresentava no momento? Parecia-lhe agora que já não caminhava no escuro. O verdadeiro drama em seu caso – começava a perceber-lo – consistia no fato de que era incapaz de infundir nos outros a convicção da existência de um segundo universo [o universo do Palhaço]: um universo situado além da ignorância e da fragilidade, além do riso e das lágrimas. (MILLER, 1979, grifo meu).

REFERÊNCIAS

BERTHOLD, MARGOT - Historia Mundial do Teatro/Margot Berthold;(tradução Maria Paula V. Zurawski,J. Guinsburg,Sérgio Coelho e Clóvis Garcia). 5. Ed. São Paulo;Pespectiva,2011.

BAKHTIN, MIKHAIL MIKHAILOWITCH, 1895-1975. - A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento; O Contexto de François Rabelais/ Mikhail Bakhtin; Tradução de Yara Frateschi Vieira – São Paulo: HUCITEC: (Brasília): Editora da Universidade de Brasília. 1987.

BOLOGNESI, MÁRIO FERNANDO - Palhaços/Mário Fernando Bolognesi – São Paulo; Editora UNESP, 2003.

ARRELIA, 1906 - Arrelia: uma autobiografia/Waldemar Seyssel(Arrelia).- São Paulo: IBRASA, 1997.

SILVA, ERMINIA - Circo Teatro – Beijamim e a treatralidade Circençe no Brasil/ Erminia Silva – São Paulo, Altana, 2007.

ARAUDI, INÉS STRAUB - Os Clows de Felini; A porção Palhaça da Subjetividade/ Inés Staub Araldi; Orientador, Luiz Felipe Soares – Florianopolis SC, 2013.

JUNQUEIRA, MARIANA RABELO - Da Graça ao Riso: Contribuições de uma Palhaça Sobre a Palhaçaria/ Mariana Rabelo Junqueira, 2012.

PROPP, WLADIMIR - Comicidade e riso – tradução de Aurora Feroni Bernardini e Homero Freitas de Andrade./ Vlademir Popp, Editora Atica, 1992.

MATOS, DEBORA DE - A Formação do Palhaço; Técnica e Pedagogia no Trabalho de Angela de Castro, Esio Magalhaes, e Fernando Cavarozzi/ Debora de Matos – Florianopolis, 2009.

BERGSON, HENRI - O Riso – ensaio sobre a Significação do Cômico/ Henri Bergson, Segunda Edição, ZAHAR Editores, Rio de Janeiro, 1983.

JUNIOR, WALTER DE SOUZA – Entre o Contemporâneo e o Grotesco: Piolim e as Comédias de Picadeiro Encenadas entre 1933 e 1960/ Walter de Souza Junior, USP, 2012 – São Paulo.

BOAL, AUGUSTO – O Teatro do Oprimido e Outras Poéticas/ Augusto Boal, Civilização Brasileira, 6ª Edição.

MILLER, Henry. *O sorriso ao pé da escada*. Trad. Vera Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Salamandra, 1979

BONFITTO, MATTEO – O Ator Compositor; As Ações Físicas Como Eixo; De Estanislavisk a Barba. São Paulo, Pespectiva, 2002.

RAMOS, CARLA MICHELE – O Essencial de Denise Stoklos Entre 1990 e 1994, Dissertação(Mestrado em Artes). ECA – USP, São Paulo, 2008

CASTRO, ALICE VIVEIRO DE – O Elogio da bobagem – Palhaços no Brasil e no Mundo / Alice Viveiro de Castro – Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

SANTOS, VALMIR – Riso em Cena; Dez Anos de Estrada dos Parlapatões / Valmir Santos – São Paulo, Estampa Editora, 2002.

Sinopses de Solos Performances Denise Stoklos(In [HTTP://denisestoklos.com.br/espetaculos](http://denisestoklos.com.br/espetaculos))

PANTANO, ANDRÉIA APARECIDA – A Personagem Palhaço / Andréia Aparecida Pantano – São Paulo: Editora UNESP, 2007.

À SOMBRA DOS LARANJAIS. *In: Wikipédia: a enciclopédia livre.* Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/À_Sombra_dos_Laranjais>.

ANEXO

A PAIXÃO DO PALHAÇO

João Fernandes

CENÁRIO

Um camarim como se fosse extensão de uma lona de circo toda furada, em um canto uma penteadeira velha com um espelho. Em cima da mesa alguns recipientes de pintura. Lápis, pincéis, porta retrato, uma bandeja com pão, garrafas de bebidas, copo. Um banco ao lado da penteadeira uma velha mala do Palhaço. Em outro canto, uma bacia com água e toalha.

(Entra o palhaço como quem tá vindo de um final de espetáculo. Cansado, pensativo, devagar, semblante carregado de tristeza. Para, observa todo o lugar de modo reflexivo, respiração carregada e forte. Depois de um determinado tempo vai até a mesa e lentamente abre a garrafa de bebida enquanto vai tirando o paletó vagarosamente. Enche o copo, e a partir daí o palhaço começa a refletir sobre a situação do palhaço fracassado. Enquanto bebe, vai se despindo do personagem).

A peça é dividida subjetivamente em três fases: sofrimento martírio; crucificação. Durante suas reflexões, vai se realizando ações da santa ceia. Lava pés, a crucificação e a negação do palhaço na cruz.

(No lado esquerdo, no fundo do palco, aparece o palhaço saindo do picadeiro ainda agradecendo os últimos aplausos)

É..., os circos estão se acabando, definhando aos poucos, e levando com ele todos os artistas. Mágicos, palhaços, malabaristas, todos. Não importa se é grande ou pequeno. Todos estão morrendo junto com o circo. Veja a quantidade de gato pingado que estava aqui na plateia. E essa lona? Parece mais “taubade tiro ao Álvaro” toda furada. E em dia de chuva nem os gatos pingados aparecem. Mas o espetáculo não pode parar, e a cada dia levamos para o picadeiro as nossas desgraças. O último que sair feche a cortina!... Apague a luz... Mate a alegria, deixe a tristeza brilhar... *(Inerte)... (volta)*. Ainda bem que sou um palhaço realizado. Não tenho tudo que gosto, mas gasto tudo o que tenho. Realizei o sonho da casa própria, do carro próprio, e depois de muito sacrifício possuo hoje uma bicicleta comprada de segunda mão e um apartamento cedido onde moro de favor. E vamos beber... Eu bato contigo no bucho e tu bate comigo no chão, Saravá meu irmão.

(Derrama um pouco de cachaça no chão. Pega a bandeja com pão e vinho e levantando-os para o alto fica em modo de oração como quem abençoa os alimentos)

Felizes os convidados para a ceia do palhaço.

(Olha de um lado para o outro) Ainda bem que não tem ninguém aqui, comida e bebida pouca só dá pra um e até hoje não aprendi a fazer a mágica da multiplicação.

(Come com espírito de adoração)

É. O mundo vai acabar mesmo e começou por essa minha garrafa. Enquanto palhaço em fim de carreira, cheio de insucessos na vida, continuo na maior pindaíba, vivendo de favor, no maior miserê. Tirando minha condição física, financeira, amorosa e psicológica nunca estive tão bem. Mas graças ao bom deus, tudo que tá ruim ainda pode piorar. Nosso mundo tem pouco espaço para os fracassados. Nossos sistemas de empreendimentos centrados no êxito são ideais para os bem-sucedidos, mas devastadores para os que fracassam. Num esforço para criar ganhadores, também criamos fracassados desajustados. Às vezes eu me faço uma pergunta: O que é uma pessoa fracassada? E eu mesmo respondo: EU! após um prolongado ciclo de frustrações e derrotas, tentei fracassar na vida e fracassei miseravelmente em querer fracassar.

(Tira um sapato, pega a bacia com água, coloca um pé na bacia e vai tirando o outro sapato)

É pode rir da minha cara com esse seu riso sarcástico, não sabe você que o riso foi enviado a terra pelo diabo, apareceu aos homens como a máscara da alegria e eles o acolheram com agrado. Porém, mais tarde, o riso tira a máscara alegre e começa a refletir sobre o mundo e os homens com a

crueledade da sátira ... *(inerte)*... sátira... satanás... crueledade ... *(acorda)*. Por sorte no circo muitas vezes tinha fome. Por sorte sim. Porque com fome sente-se menos a tristeza. Por isso, palhaços são mais alegres que os ricos. Isso os ricos dizem. Oxê, não sei de onde tiraram essa ideia, isso deve de ter sido invenção dos ricos, como se passar fome fosse bonito. Não senhor! Palhaço não é para passar fome nem é pra sofrer, chorar e se alegrar, mas todo mundo só quer graça, não quer Desgraça O palhaço só deve sofrer ou se alegrar quando está no picadeiro. A vida com seus pequenos desejos deve servir de exercícios, de ensaio-geral para que o palhaço possa interpretar as grandes comédias que devem levar ao público. Um palhaço só deve sofrer ou se alegrar quando está no picadeiro. A vida com seus pequenos desejos deve servir de exercícios, de ensaio-geral para que o palhaço possa interpretar as grandes comédias que devem levar ao público. Tirando tudo isso que falei, chego a seguinte conclusão: O circo da alegria a todos, menos a quem faz. E cada dia tá pior... Às vezes quando estou no picadeiro tenho escutado xingamentos, vaias, palavrões. Tenho medo. Muito medo. Tanto medo que paralisa todo o meu ser. Mas, esse mesmo medo briga comigo para eu não parar e continuar a lutar. E a cada dia é um recomeço. E mais uma vez eu pinto a cara e entro no picadeiro da vida, e dou continuidade às minhas palhaçadas, e o espetáculo continua, e brinco, e pulo, e dou gargalhadas. Todos rindo da minha cara e eu rindo da cara de cada um deles. Por fim volto ao meu camarim, meu porto seguro, minha fortaleza. Dentro do meu camarim, sozinho comigo mesmo eu não tenho medo de ninguém. E é dentro dele que readquiro forças para cada dia recomeçar. E para complicar mais ainda todo mundo hoje quer ser palhaço. Não sabem de nada, não sabem que o palhaço é um grande perdedor, ele só se torna grande quando perde. Perde cabelos, perde dentes, perde a saúde, perde os amigos, perde a família, perde os amores, perde a arrogância, perde o orgulho, a inveja, o julgar, perde tanto que chega a perder a própria dignidade e morre. E é quando morre que ele adquire a verdadeira dignidade de palhaço, é como andar ao contrário, não é andar pra trás, é ao contrário do normal, do natural, do imaginável, é o tempo todo numa viagem. Não existe um grande palhaço vivo, todos os grandes palhaços já morreram. Piolin, Arrelia, Chic-Chic, Carequinha.o nariz do palhaço é vermelho porque ele bebe, bebe para afogar suas mágoas, suas roupas e seus sapatos são grandes velhas e deformadas porque o defunto era maior... *(inerte)* ...Defunto... Morte ...Medo...

(Acorda) (tira o lenço).

Eu tenho medo e acho que todo palhaço tem que ter medo, o medo é a minha coragem. Não posso esquecê-lo nunca. E para não esquecer esse medo eu me olho no espelho e vejo que sou um palhaço, e isso me anima a fugir do circo, é essa imagem que me anima a ir para bem longe antes que o circo da vida acabe e acabe também com o meu espetáculo. Mas todas as vezes que tentei fugir, sempre acabo embaixo de uma lona sozinho, preso a minha solidão.

(Tira a barriga)

Mas nem sempre foi assim, eu tinha um grande amor no circo, ela era trapezista, irene era seu nome, só vivia se balançando de um lado para o outro, lá em cima, bem longe do chão, desafiando o perigo como se voasse sem asas, mas sempre pousava em meus braços. Até que um dia ela não pousou em meus braços, quando dei por conta ela tinha pousado em outros braços. Lúcius era o nome dele, um grande mágico que acabara de chegar no circo. Sujeito boa pinta cheio de esperteza. No dia que ela chegou pra mim e disse que ia embora com ele eu perdi o chão subi pelo meu corpo um ódio tão grande que fiquei sem ação. Peguei-a pelo braço, subi na plataforma do trapézio e forcei a fazer um número só pra mim. Ela, cabisbaixa não disse uma palavra e tristemente se balançava de um lado para o outro enquanto eu chorando gritava “cadela vadia, sua puta” e como que num passe de mágica ela sumiu para nunca mais aparecer.

(Canta)

*“Sei que é doloroso um palhaço
Se afastar do palco por alguém*

*Volta a plateia te reclama
Sei que choras palhaço
Por alguém que não te ama
Enxuga as lágrimas, me dá um abraço
Não esqueças que és um palhaço
Faça a plateia gargalhar
Um palhaço não deve chorar.”*

Mas eu choro! Ninguém pode me impedir de chorar... A gente só percebe que está ficando velho quando procuramos nossos amigos e vemos que muitos já partiram... E daqui a pouco chega a minha vez... preciso cuidar da minha herança...o que eu vou deixar para os meus? Casas, carros, mansões, dinheiro guardado no banco? Não tenho.

(Procura na mala)

O que eu tenho de mais precioso? Deixa-me ver... Há...Achei!

(Pega um caderno)

Meu caderno! Neste caderno encontra toda as minhas histórias e cenas que vivi e recriei no picadeiro.

(Folheia)

Olha isso aqui!!... Circo-teatro! Essa eu encenei com o grande Piolim A PAIXÃO DE JESUS CRISTO. Eu era o anjo Gabriel o mestre de cerimônia. Lembro-me bem, eu entrava todo importante e dava as boas-vindas ao público e dizia: ...Boa noite, caros senhores, boa noite, caras senhoras. Somos artistas de circo, viemos para contar a paixão de Jesus Cristo, aquele que veio trazer alegria as criaturas em nome do criador, ele que hoje renasce para ser crucificado e renascer muitas vidas com outros rostos e nomes até não haver no mundo nenhuma espécie de gritos de dor, de miséria, ou fome. Apenas gritos de amor...Piolim era o cristo crucificado, ninguém sabia que ele era um palhaço...

(Pega o porta retrato)

Isto vai ser a minha herança que deixo para vocês. Lamento não poder lhes deixar também os meus gestos e as minhas caretas, tanto as que eu faço para provocar o riso como as que realizo quando quero causar espanto. Mas como não posso legar um dom assim tão precioso, deixo também pra você a minha roupa de PAI-LHAÇO, mesmo surrada e esculhambada é de bom tecido, tem mais de trinta anos, se não quiser usá-la poderás por ocasião do carnaval a alguém, assim que souberem que se trata da minha roupa, vocês vão ver, irão disputá-la para poderem se travestir de palhaço, apesar de ser verdade que a roupa não faz o palhaço. Sem falar que também poderá lhe servir de roupa de luto, caso eu venha a morrer. São estes os mais altos símbolos de afeto que um palhaço pode oferecer. Para um palhaço como eu não pode haver melhor herança que não essa. É o meu fim se aproximando, não é fácil ser palhaço em fim de carreira. Fim de carreira...isso me entristece muito. E eu continuo aqui, debaixo dessa lona toda furada. Todo mundo pensa que a vida no circo é a maior moleza.

(Pega a cruz)

Não é não, isso aqui é pior que circo romano, lá pelo menos os leões devoravam as pessoas de uma vez só e quase não tinha sofrimento. Aqui não é assim, dia a dia o sofrimento vem como conta-gotas, aos pingos e vai aumentando, prolongando, arrastando-se como cobra cascavel, e cada um aos poucos vai sendo devorado pela miséria, pela fome, pela indiferença, pela solidão. Já vi muitos partirem e continuam partindo, todos vão indo e eu ficando...ficando e carregando sozinho essa lona nas costas.

(Pega o cabide e vai arrumando toda a roupa do palhaço e enquanto arruma reflete)

Como o público entende pouco! Como todos compreende pouco, quando se trata do destino. Ser palhaço é ser um peão no tabuleiro do destino. A vida no picadeiro é um espetáculo tolo, que consiste em quedas, bofetadas, pontapés – uma interminável série de corridas e cambalhotas. E é

através dessa vergonhosa palhaçada que se agrada ao público. O palhaço adorado! É seu privilégio especial recriar os erros, as loucuras, a estupidez, os mal-entendidos que assolam a espécie humana. Ser a própria inépcia é algo que até o maior imbecil pode entender. Não compreender quando tudo é claro como a luz do dia; não conseguir aprender apesar do truque ser repetido mil vezes; andar às tontas como um cego, quando todas as indicações mostram a direção certa; insistir em abrir a porta errada, apesar do aviso: perigo! entrar de cabeça no espelho em vez de dar a volta; olhar pelo ponta do cano de uma espingarda carregada! – As pessoas nunca se cansam desses absurdos porque a muito tempo o ser humano segue pelos caminhos errados, sempre em busca de querer mais coisas. As pessoas vivem muito apegadas às coisas, o apego é medo. Elas têm medo de perder elas têm medo de perder uma falsa identidade. E esse apego é a raiz da agonia, do desespero, do sofrimento que impera no mundo. As pessoas vivem com medo de serem Roubadas, de serem traídas, de perderem seus empregos, seus dinheiros, seus amores, suas famas, seus prestígios, seus poderes, porque tudo isso de alguma forma agrega valor à sua falsa ideia do EU, elas vivem em função de proteger e segurar essas coisas, sem se dar conta que dessa forma estão perdendo a própria vida... E o palhaço, o mestre da inépcia tem o tempo inteiro por domínio. Só se rende diante da eternidade...

(Pendura o cabide na cruz, tira o nariz e coloca na cruz junto com a peruca e o chapéu, e coloca de lado a mala e a bengala)

(Pega a bacia e coloca em cima do banco e lava o rosto tirando toda a maquiagem depois leva a bacia pro canto do palco e observa a cruz e vê que faltou colocar os sapatos do palhaço no pé da cruz, coloca os sapatos ao pés da cruz e lentamente caminha em direção a plateia, vai até o meio vira-se de frente para o palco e pausadamente de modo bem reflexivo diz o texto)

O circo é uma pequenina arena fechada de esquecimento. Por algum tempo permite que nos percamos, nos dissolvemos em deslumbramento e felicidade, tristes e horrorizados pela face cotidiana do mundo. Porém o velho mundo de todos os dias, o mundo que achamos ser muito nosso conhecido, é o único mundo, e é um mundo de mágica, de inexaurível mágica. Assim como o palhaço, prosseguimos de um picadeiro para outro, sempre fingindo, sempre adiando o grande acontecimento. Morremos lutando para nascer. Jamais fomos nascidos, jamais nascemos. Estamos sempre no processo de vir a ser, sempre separados e isolados. Do lado de fora do circo para sempre. Fim.